



SILVA, V. C. da S. Ciência, caos, revolução e barbárie. In.: Revista *Diálogos* (*RevDia*). Dossiê "Afinação em flores e frutos", v. 5, n. 2, Edição comemorativa, 2017. Caderno Artigos Livres. [<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

CIÊNCIA, CAOS, REVOLUÇÃO E BARBÁRIE

Houve, certa vez, uma cidade, contou-me o velho, com manhãs diáfanas e tardes sufocantes, em que seus habitantes padeceram da miséria humana e da fétida loucura da guerra, mas também, ao seu modo, experimentaram a graça e o amor, e alguns até trilharam a busca espiritual pelo sentido da existência. Naquele tempo, rezou-me com entusiasmo o impactante ancião, os homens haviam erguido poderosas catedrais de aço e vidro, onde um antigo culto ao metal evoluiu para um estranho ritual de louvor às transações comerciais em si, independente do que estava sendo negociado. Esta civilização estranha estava degradando o espírito e maculando a beleza e o mistério do mundo, mas não porque não sabiam, tampouco porque sabiam demais, mas pelo uso que reservaram ao saber. Aquilo que era fim tornou-se um meio, o que era inteiro se partiu. Depois de um tempo de convulsão e consternação, estava evidente que a rica herança que receberam de seus antepassados degenerava. De um modo geral, é como se negassem a ser os herdeiros de uma bela tradição, de receber a lança enviada por seus ancestrais, como certa vez nos sugeriu um senhor, e de





arremessá-la ainda mais longe, para o benefício daqueles que virão e povoarão a terra. Seus templos estavam ocupados por mercadores e a utilidade havia sido assentada no altar central como a nova divindade suprema. A verdade, o bem e o belo foram considerados mitos primitivos de outrora, a arte, a ciência e a filosofia, na grande oficina que havia naquela cidade, foram tomadas por ferramentas, como martelos, serrotes e bigornas, que ninguém valoriza pelo que são, mas somente pelos bens práticos e comerciais produzem.

A vida havia sido convertida em uma mercadoria, a universidade, que noutros tempos era lugar de formação do espírito, tornou-se um prédio anexo das grandes indústrias, os sábios foram contratados como servos dos negociantes, e os mais astutos, converteram-se também eles em mercadores e senhores do escambo, e as noites de luar inebriante, outrora idílicas e doces, ficaram azedas e insuportáveis, porque denunciavam um imenso e angustiante vazio – um vazio perturbador e vertiginoso, pois era vazio de sentido. E quando já não há sentido para uma cidade inteira, não é o indivíduo que está doente, mas a civilização da qual faz parte. Uma das coisas que nunca entenderam bem sobre a morte, é que embora o espírito, quiçá, não sobreviva à morte do corpo, o corpo pode permanecer depois que o espírito morre, como um invólucro oco e ocre por dentro, por mais brilhante que seja pelo lado de fora. Um corpo sem espírito, uma cidade sem civilização, é como um cadáver opaco e tagarela, condenado a permanecer em uma luta incessante por uma embriaguez de vida que não pode durar para sempre.

Não nos esqueçamos, porém, daquela minoria de imprudentes de quem ousamos lembrar. Na verdade, eles eram apenas construtores, mas não de torres de aço e vidro, máquinas ou ferramentas, tampouco de bens de consumo e utilidades práticas. Mas o que estava em construção, então? Depois de muito pensar cheguei a conclusão que eles construía sentido – que tentavam abrir novos caminhos para o espírito, caminhos que ao invés de o levar à beira de um precipício qualquer, ou chafurdá-lo em um pântano





pegajoso, pudesse de alguma forma elevá-lo ao topo de uma montanha, onde a cidade pudesse ser vista em seu conjunto, e uma outra concepção de existência pudesse ser engendrada. Mas quem eram esses construtores e como eles construíam o que se destinavam a construir? _ É preciso que se diga, disse-me o velho, _ que eram homens e mulheres que construíram a si mesmos como um grupo, e que construíram espaços, oportunidades e momentos para que esse grupo pudesse se reunir, para que espíritos em busca de liberdade e sentido, verdade e beleza, que aceitaram o desafio de ser herdeiros daquela tradição, e de legar esse herança aos outros que virão, despojados de qualquer pretensão utilitária prática e imediata, pudessem se encontrar e vivificar o simples prazer de estar junto, e de buscar juntos o conhecimento, e de fazer do conhecimento não somente o pincel e a paleta, o prego e o martelo, a madeira e o serrote, o ébano e o marfim, mas a pintura que eleva e inebria, e a música que emociona e estremece.

Imaginem em um mundo dominado pelos interesses dos agentes econômicos, manejado de acordo com as metas comerciais das grandes corporações, em que a natureza não passa de um repositório de segredos e matérias primas donde se retira, por saques, constantemente, o pão que alimenta a grande indústria sem jamais saciar o mercado voraz, onde a ciência já não é uma força de orientação e uma forma de vida, e até mesmo o cientista fica chocado que se cobre tal coisa da ciência, coitada, e aceita que a ciência é apenas uma forma de fazer com que se conquiste o poder sobre a natureza a fim de torná-la mercadoria, convertendo fenômenos criados em laboratório em bens de consumo e títulos no mercado de ações, imaginem, nesse mundo, e aos olhos dessa gente, o despropósito e o descabro de um grupo formado por homens e mulheres reunidos por pura e simples afinidade, que sem receber nenhuma recompensa material por se reunir, o fazem em nome de sua paixão comum pela ciência.

Dizendo deste modo, parece um exagero imperdoável pensar que os “construtores” fizeram algo digno e fecundo; ora, eles apenas se reuniram. O que não podemos nos esquecer, contudo, é que em muitos momentos da





história, a reunião não foi um ato simplório e banal, mas uma das mais elevadas e tenazes formas de resistência, fé, e esperança. Um ato “perigosamente” subversivo e revolucionário. Quando pessoas se reúnem periodicamente sem nenhuma utilidade prática e ganho financeiro em um mundo financerizado e dominado pela utilidade, não são apenas corpos que se amontoam, mentes que se acotovelam, protocolos, disfarces, compromissos e interesses comerciais que se aglomeram e convergem, mas espíritos em busca de liberdade e sentido. Quando os participantes de tal grupo são oriundos de diversas áreas, como a filosofia, a física, a biofísica, a cosmologia, a química, a sociologia, a história e a comunicação, e estão dispostos a construir ou refazer as pontes que ligam e unificam essas áreas em torno de um centro comum: a ciência em todas as suas dimensões, epistêmica, social, cultural, a ciência como forma de estar no mundo e resposta para a questão do sentido, e não como commodity, então a reunião já não é efêmera ou insignificante. Se, em todo caso, seu impacto não for amplo, inevitavelmente será profundo. As pessoas transformarão seu grupo em uma resposta efetiva à degradação da cidade, e o grupo transformará seus participantes: membros de uma comunidade que soube criar um espaço que deixa de fora o que é vulgar e mesquinho, e preserva dentro, o ideal de formação.

Imaginem filósofos e cientistas, empenhando seu tempo e energia em construir diálogos sobre ciência e sociedade sem a pressa produtivista que transformou a universidade em uma indústria e o sábio em um especialista, filósofos, físicos, químicos e historiadores, cientistas sociais, pesquisadores de laboratório e biblioteca, teóricos e experimentadores, repensando, e mais do que isso, refazendo, ou desfazendo, a divisão social do trabalho, e tecendo, juntos, a despeito de suas diferentes especialidades disciplinares, uma nova concepção de ciência e de relação entre ciência, tecnologia e sociedade. Imaginem a influência de tal grupo na produção individual de cada um de seus mais de vinte participantes espalhados naquela cidade, e em outras, bem distantes até, além-mar, imaginem ao longo dos anos, a quantidade de





artigos que puderam amadurecer cada qual no seu devido tempo, sendo publicados em revistas de várias partes do mundo, cada qual, de algum modo, contendo um traço forjado pelo encontro de ideias e ideais proporcionado pelo grupo. Imaginem o grupo se abrindo para a própria sociedade, ganhando membros internacionais, publicando sua própria revista, ministrando um curso de pós-graduação para cientistas em uma das mais importantes e tradicionais universidades de seu país. De certo modo, é como se aquela velha cidade da qual falamos tivesse ficado pequena para o grupo, como se este tivesse aprendido a encontrar, ou forjar o próprio caminho para, mesmo sendo ele tão pequeno, não caber na metrópole em que nasceu. Não seria, tal grupo, pelo propósito que possui, pela diversidade e solidariedade de seus membros, pela forma como atua, por sua produção que demanda a maturação das boas ideias e rompe com o produtivismo utilitarista e com a comoditização da ciência, não seria tal grupo, que mesmo propondo uma profunda reavaliação da ciência, é capaz de se alocar e interagir em grandes e importantes instituições científicas, capaz de participar da formação de novos cientistas, e de construir um diálogo – sempre em construção – entre pesquisadores de diversas áreas, não seria tal grupo, já, uma alternativa concreta, prática, fecunda e presente, atual, ao modo hegemônico de produção do conhecimento? E tal vivência, a construção coletiva de tal experiência, e a completa possibilidade da reprodução de seu modelo em quaisquer partes, mais do que qualquer teoria ou normatização, não poderia ser a melhor resposta que podemos dar à degradação inexorável da “cidade” que padece sob nossos pés? Uma simples reunião de tal tipo não é uma lamúria ou uma promessa, uma denúncia ou um protesto, um desaforo ou um enfretamento; é – permitam-me os senhores o mais alto arroubo poético – uma nova aliança, um novo arranjo institucional, não como possibilidade, mas como fato.

Houve, certa vez, uma cidade, contou-me o velho, com manhãs diáfanas e tardes sufocantes, em que homens e mulheres não se satisfizeram com a vulgaridade e o utilitarismo prático que empobrece a cultura, e se





reuniram para falar de ciência, filosofia, universidade, sociedade e educação. Falaram da verdade e da beleza, da justiça e da bondade, mas nem por isso deixaram de refletir profundamente sobre o horror e o engodo, o sofrimento e a loucura. O velho disse-me que foi só um grupo, mas eu gosto de pensar que foi bem mais do que isso. O grupo, na verdade, foi só uma incubadora. O que ali se criou, foi um novo espírito.

VINÍCIUS CARVALHO DA SILVA

Doutor e mestre em Filosofia da Ciência e Teoria do Conhecimento pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É mestrando em História das Ciências e da Saúde pela COC-Fiocruz. Pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Conceituais de Ciência, Tecnologia e Sociedade (IECTS). É escritor premiado pela Academia Petropolitana de Letras e pelo Elos Clube Internacional da Comunidade Lusitana.
viniciusphilo.uerj@gmail.com

